

ARRA
NHA
CÉ
US



**QUANDO EU MORRER
BATAM EM LATAS**
MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO
CEM ANOS DEPOIS

GIORGIO DE MARCHIS (ORGANIZAÇÃO)



Índice



- 9 Introdução
- 15 1. Teresa Rita Lopes, *Mário de Sá-Carneiro, mestre de Fernando Pessoa*
- 31 2. Maria Helena Nery Garcez, *Desventuras da modernidade*
- 41 3. Piero Ceccucci, *Simbologia e representação do duplo em Céu em Fogo: Eu-Próprio o Outro.*
- 57 4. Fernando Cabral Martins, *Paradoxos da sinceridade*
- 65 5. Enrico Martines, *José Régio leitor de Mário, ou O Triunfo da Sinceridade do Artista*
- 77 6. Ana Nascimento Piedade, *Itinerâncias estéticas em Mário de Sá-Carneiro*
- 85 7. Simone Celani, “Serei, mas já não me sou”.
Sobre a sintaxe poética de Mário de Sá-Carneiro
- 101 8. Orietta Abbati, *De Simplesmente à Partida e mais poemas. A presença (não)escondida de Cesário Verde em Mário de Sá-Carneiro*

- 115 9. Barbara Gori, *A relação arte-vida na primeira produção em prosa de Mário de Sá-Carneiro*
- 127 10. Ricardo Vasconcelos, *Uma carta de Tito Bettencourt a Fernando Pessoa, acerca de Mário de Sá-Carneiro*
- 141 11. Steffen Dix, *Mário de Sá-Carneiro e “o copo de café entornado no vestido branco da ideia duma inglesa ‘tombée en enfance’”*
- 159 12. Ettore Finazzi-Agrò, *Aquém-tédio. A “lógica do menos” em Mário de Sá-Carneiro*
- 169 13. Jerónimo Pizarro, *Sá-Carneiro, Paulismo e Caeirismo*
- 181 14. Dionísio Vila Maior, *Mário de Sá-Carneiro: intranquilidade ou “dever do artista”?*
- 197 15. Lilian Jacoto – Roberta Ferraz, *A radicalidade da experiência na escrita de Mário de Sá-Carneiro*
- 207 16. Fernando de Moraes Gebra, *O conto-ensaio O Fixador de Instantes: laboratório de criação de Mário de Sá-Carneiro*
- 219 17. Francesco Genovesi, *Um espaço para a esfinge: a recepção italiana de Mário de Sá-Carneiro*
- 231 18 Paula Morão, *Mário de Sá-Carneiro - Ele próprio, o outro*

5

**José Régio leitor de Mário,
ou
O Triunfo da *Sinceridade* do Artista**

Enrico Martines

ENRICO MARTINES, licenciado em Línguas e Literaturas Estrangeiras, em 1994, e doutorado em Filologia Românica, em 1999. É desde 2000 investigador de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade de Parma (Itália), onde atualmente ensina Literatura Portuguesa e História da Cultura Inglesa. Editou, na coleção Estudos da Edição Crítica de Fernando Pessoa (INCM), a correspondência entre Fernando Pessoa e os diretores da presença, e estudou a história desta revista, assim como as relações entre o movimento do Orpheu e o chamado "segundo modernismo". Realizou edições crítico-genéticas e estudos de cariz filológico sobre a poesia de José Régio (integrando a Equipa de Investigação para o Estudo e Edição dos Manuscritos de José Régio), e publicou ensaios de caráter narratológico sobre autores modernos portugueses (Eça, Cardoso Pires, Saramago, entre outros) e brasileiros.

A grande afinidade entre José Régio e Mário de Sá-Carneiro foi sendo evidenciada por quase todos os críticos que se ocuparam das relações entre o antigo diretor da *presença* e os maiores representantes do modernismo. Mas, ainda antes destas ilustres opiniões, a semelhança entre os dois fora já salientada por Fernando Pessoa em carta ao próprio Régio, que recebera esta aproximação declarando o seu amor pelo autor dos *Indícios de ouro*. Da mesma maneira, a sua menor sintonia em relação ao poeta dos heterónimos foi igualmente registada. O que aqui proponho é uma leitura cronológica – e, por vezes, filológica – dos estudos que José Régio dedicou a Sá-Carneiro, mas também a Fernando Pessoa, a fim de indagar não só as razões da sua predileção pelo autor de *Céu em fogo*, mas também para acompanhar a evolução da sua valoração dos dois modernistas e para medir a distância crítica com que o escritor vila-condense analisou o juízo das suas qualidades e dos seus defeitos. Até porque, tal como sugeriu Ana Nascimento Piedade, não “parece possível – ou sequer desejável – dissociar completamente o caso de Sá-Carneiro do de Fernando Pessoa na leitura crítica regiana” (Piedade, 2005: 62).

O título desta comunicação salienta, em itálico, a questão da sinceridade. De facto, é precisamente em torno da interpretação que faz do conceito de sinceridade em arte que Régio baseia a sua definição de *literatura viva*. A partir deste conceito, Régio elege os Mestres, os verdadeiros criadores, distinguindo-os de imediato dos imitadores e dos simuladores sem originalidade.

Já na sua tese de licenciatura, *As correntes e as individualidades da moderna poesia portuguesa* (de 1925), o jovem crítico denunciava a coexistência, na *Arte modernista*, de “príncipes” e de “impostores” (Régio, 1925: 56). Discordando do que escreveu Eugénio Lisboa, não me parece que Régio incluía implicitamente Fernando Pessoa nessa “turba de ‘imitadores e simuladores’”, nem tampouco concordo com a afirmação de que “Nas repetidas e aceradas reservas postas a Pessoa – e nunca

a Sá-Carneiro – Régio subentende o adjetivo ‘livresco’ que nunca, aliás, explicitou [...]” (Lisboa, 1990: 216). Pelo que é exposto nesta tese – e pelo que depois escreverá – torna-se claro que, apesar das restrições impostas a certos aspetos da sua expressão artística, Pessoa pertence, para Régio, ao reduzido grupo dos “grandes” e dos “mestres” e, no conceito regiano, nunca um “imitador” poderia ser considerado como tal; até porque Pessoa era tão original na sua “mistificação” literária. Além do mais, os “simuladores” de quem o jovem crítico fala repetidamente nos ensaios produzidos nesses anos, não são aqueles que, eventualmente, praticam a referida mistificação literária, mas sim aqueles a quem falta personalidade, originalidade, fingindo tê-la através de atitudes vazias de conteúdo: de facto, personalidade e originalidade são qualidades que claramente Régio deteta no poeta dos heterónimos. Quanto ao adjetivo “livresco”, se, de acordo com a abordagem crítica regiana, considerarmos que “livresco” se opõe a “vivo”, então não podemos esquecer que Fernando Pessoa foi desde o primeiro momento enunciado como exemplo de “literatura viva”, pois Régio considerava o artista capaz de a produzir, um “homem superior” não só “pela sensibilidade” – qualidade exaltada em Sá-Carneiro – mas também “pela inteligência e pela imaginação” (Régio, 1927), dotes intelectuais por demais evidentes em Pessoa.

Ao jovem Reis Pereira deste primeiro trabalho, a obra de Fernando Pessoa não justifica um capítulo à parte, mas o autor é citado, logo em primeiro lugar, como uma das “personalidades mais representativas de hoje” (Régio, 1925: 56). Nesta sua primeira avaliação da figura de Pessoa, Régio associa-lhe qualidades de “Intuição” e de “Razão”, enquanto mais tarde tenderá sobretudo a sublinhar a sua racionalidade – a seu ver, por vezes excessiva. Mas, seja como for, Pessoa é sem dúvida descrito como “o mais original, o mais completo e o mais poderoso dos nossos modernistas” (Régio, 1925: 56).

Contudo, a impressão que subsiste, desde este primeiro ensaio de Régio, é que aqueloutro modernista está efetivamente acima dos outros. De facto, só Mário de Sá-Carneiro lhe merece o epíteto de Mestre. Mário é definido como “o maior intérprete de certa personalidade contemporânea” (Régio, 1925: 57-58), artista inimitável e original, precursor pela sua ânsia de inovação, atributos que lhe são naturais e necessários. Ao mesmo tempo, Régio sublinha a capacidade da poesia sá-carneiriana de interpretar genialmente o motivo da personalidade múltipla. O seu “anormal e original feitio poético” expressa “a força e a grandeza da sinceridade” (Régio, 1925: 58), e, uma vez mais, nos surge a palavra. Consciente da sua grandeza e simultaneamente da sua fraqueza, eternamente condenado a *ser quase*, a sua poesia exalta o seu drama, glorifica orgulhosamente “o semideus que ele deveria ter sido – mas que nunca chegou a ser” (Régio, 1925: 58). Nestas palavras ressoam precisamente alguns elementos que serão depois reconhecidos como próprios da poética de José Régio: a tendência dramática, a expressão orgulhosa, a consciência frustrada da imperfeição humana que se projeta na procura conflituosa de Deus, origem desta imperfeição.

Será no artigo *Da geração modernista (presença, n.º 3, 8 de abril de 1927)* que os mestres passam a ser três e, ao lado de Sá-Carneiro – sempre citado em primeiro lugar –, aparecem os nomes de Fernando Pessoa e de Almada Negreiros. Mário de Sá-Carneiro, além de poeta da “Insatisfação perpétua”, da “sede do Infinito”, é sobretudo, para Régio, um esteta que tudo subjeta ao seu sonho de beleza, mesmo tratando-se de uma beleza errada. Sendo, no entender do crítico, a finalidade da Arte a de produzir uma emoção estética – como afirmará no ensaio-manifesto da *presença, Literatura livresca e literatura viva* (n.º 9, 1928) – torna-se compreensível que este veja em Mário de Sá-Carneiro o artista por excelência. Capaz de exprimir a tragédia e a dor em todos os seus aspetos e com meios de expressão essencialmente novos, Sá-Carneiro é definido como “o nosso maior intérprete da melancolia moderna, e um dos grandes poetas portugueses de qualquer tempo”.

Por outro lado, Fernando Pessoa é, aos olhos de Régio, a figura mais complexa, mais múltipla e mais variada, tão característica do seu tempo e, ao mesmo tempo, tão original. Tal como Mário de Sá-Carneiro, Pessoa vive o drama da dispersão da personalidade, encarnando-o através da heteronímia e realizando o que, diz Régio, “parecerá um sonho de intelectual”. Aqui o diretor da *Presença* estabelece uma primeira diferença fundamental entre ambos: “o que em Mário de Sá-Carneiro aparece como manifestação de génio, aparece em Fernando Pessoa raciocinado, consciente, voluntário”, embora, possivelmente, não “tão raciocinado, tão consciente, tão voluntário como parece”; Pessoa é artista superior, “tem estofos de Mestre, e é o mais rico em direções dos nossos chamados modernistas”. Fica, assim, fixada a dicotomia fundamental que caracterizará a avaliação crítica dos dois modernistas e que, como se verá mais tarde, estará na base da preferência do crítico vila-condense. Todavia, nestes primeiros artigos, Régio mantém-se bastante imparcial e aberto às características tão distintas entre os dois poetas.

Como é sabido, a tese de licenciatura datada de 1925 foi refundida, em 1941, no volume *Pequena história da moderna poesia portuguesa*. Nele, Régio revê e reestrutura o seu texto, acrescenta partes à luz de um conhecimento mais abrangente e sólido da situação poética portuguesa de então. Nesta *Pequena história*, o nome de Mário de Sá-Carneiro já não é anunciado como o único Mestre do modernismo; nela Régio salienta os dois maiores poetas desse movimento, cada um deles representando a realização máxima das tendências antagónicas por ele apontadas como características inerentes do modernismo português. Como de certa forma já se intuía nos artigos anteriores, para Régio, Mário de Sá-Carneiro é mais génio, mais artista instintivo e intuitivo; ao passo que Pessoa é mais intelectual, mais racional, mais construído. Ambos são superiores a todos, cada um deles por uma determinada faceta. Contudo, em 1941, Régio acrescenta que Sá-Carneiro é “o mais alto representante do chamado modernismo português” (Régio, 1976: 111).

Na nova publicação, desenvolve mais a fundo a apreciação daquele que é um dos motivos fundamentais da poética modernista, a fragmentação da perso-

nalidade, e, a propósito do tratamento deste mesmo tema, Régio esboça um paralelo entre Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa. Neste passo há efetivamente uma indubitável valoração favorável do primeiro, ou seja, para Régio a maneira como Sá-Carneiro tratou, na *Confissão de Lúcio*, o tema da personalidade múltipla é superior à criação extratextual (ou para-textual) dos heterónimos pessoanos; enquanto o crítico elogia a força e a intuição genial da primeira, define a segunda, por comparação, “um arremedo pobre de intelectual” (Régio, 1976: 114). Poderá vislumbrar-se aqui uma certa distância entre José Régio e a estrutura heteronímica, entendida como jogo intelectual, enquanto a força do génio sá-carneiriano se manifesta de uma forma que parece estar mais em sintonia com a conceção regiana de artista. Um motivo, o da duplicação do Eu, que é abundantemente desenvolvido pelo próprio Régio na sua obra; e esta afinidade sentida com o tratamento sá-carneiriano do tema é facilmente demonstrável pela sua peça *Mário ou Eu-próprio - o Outro*, de clara composição intertextual.

Na *Pequena história* é também acrescentada a referência ao suicídio como prova da sinceridade da tragédia de Mário de Sá-Carneiro: “O seu suicídio foi o remate e a prova da sinceridade desta tragédia, que a muitos parecerá meramente literária, isto é, no seu entender deles: fictícia” (Régio, 1976: 115). Não podemos deixar de mencionar, a este respeito, a tese de Fernando Cabral Martins – acolhida, entre outros, por Giorgio de Marchis – segundo a qual foi o próprio Fernando Pessoa – por exemplo, através da criação do conjunto dos *Últimos poemas de Mário de Sá-Carneiro* – a orientar a leitura de toda a obra de Mário de Sá-Carneiro como testemunho literário de uma tragédia existencial, que vai de *Princípio a Fim*, e que conduz inevitavelmente ao suicídio, como se fosse toda ela a *crónica de uma morte anunciada*. É Pessoa, portanto, quem terá criado todo o mito literário do “génio desgraçado pelo seu génio” – como afirma Cabral Martins (1994: 26) – uma interpretação de Sá-Carneiro “mainly elaborated upon for the consumption and use of *presencistas*” – como escreveu de Marchis (2011: 51) – e que, pelos vistos, é recebido em pleno por José Régio, de todos os *presencistas* porventura o mais sensível à tradição romântica e, por isso mesmo, mais apto à valorização positiva do génio de Mário de Sá-Carneiro: instintivo, sincero, anormal, à beira da loucura. Merece igualmente atenção a definição dada a Sá-Carneiro como um revolucionário de raiz clássica, representando e incorporando, neste sentido, a teoria crítica regiana sobre a coexistência de classicismo e de modernismo, descrita no artigo publicado no n.º 2 da *presença*.

A *Pequena história da moderna poesia portuguesa* dedica um capítulo a Fernando Pessoa e, em 1941, Régio continua a insistir em designar de pseudónimos os heterónimos: é como se, não aceitando a definição pessoana, revelasse uma certa desconfiança em relação à estrutura criada por Pessoa. Contudo, o crítico vila-condense elogia a “elegância” pessoana de se esquivar ao conhecimento do grande público, numa época de exibicionistas (Régio, 1976: 117). Régio salienta, justamente, a iniciativa tomada pela *presença*, no sentido de publicar

a obra de Fernando Pessoa, tarefa fundamental para se poder estudar e avaliar uma personalidade tão complexa.

Imediatamente a seguir, José Régio expressa as suas perplexidades em relação à invenção dos heterónimos, a que não só os críticos e os admiradores póstumos, mas o próprio Fernando Pessoa, terão dado demasiada importância, privando assim de sinceridade e de certas qualidades poéticas os seus versos. A sensibilidade surgia triturada pela razão, de certa forma subjugada ao predomínio do cálculo intelectual, o que – do seu ponto de vista – retirava simpatia à operação pessoana, além de aproximar a sua poesia aos gongoristas e aos árcades dos séculos anteriores. Assim, alguns versos dos heterónimos são considerados uma estratégica encenação poética, mais parecendo atributos próprios a um romancista ou a um dramaturgo, do que propriamente a um poeta.

A este propósito, poderá ser interessante determo-nos sobre um esboço de ensaio que se encontra num manuscrito conservado no Centro de Memória em Vila do Conde, provavelmente produzido nos anos trinta, conforme se pode inferir por uma observação do material utilizado. São seis páginas escritas a tinta preta (cota 260.158-163), encabeçadas pelo título *Diversidade e unidade de Fernando Pessoa*, também utilizado por Jacinto do Prado Coelho para um volume publicado em 1949. Contudo, não parece tratar-se de uma recensão a esse mesmo livro, já que em lado algum o texto se encontra citado. O que mais chama à atenção, por enquanto, é a matéria nele desenvolvida. O rascunho foca o tema da multiplicação da personalidade nos autores modernos e, a este respeito, Régio parece concordar com as teorias de Fernando Pessoa acerca da necessidade, sentida pelo poeta moderno, de não se limitar a uma personalidade: “Fernando Pessoa disse um dia que o poeta moderno já não podia limitar-se a uma personalidade. Tinha de ter várias, – tantas quantas as direcções profundas da sua época. Sempre tive esta palavra por muito verdadeira”. Neste sentido, afirma o autor de *Cântico negro*, “Fernando Pessoa foi dos mais representativos – se não o mais representativo – do[s] nossos poetas modernos”. E continua: “Aquele poeta em que existam várias personalidades será romancista ou poeta dramático. E poeta dramático ou romancista – distribuirá por vários personagens a quási dolorosa riqueza da sua múltipla personalidade”. Um grande poeta moderno é um poeta rico que será simultaneamente “épico, lírico e dramático” e, ao mesmo tempo, será virtualmente “um crítico, um romancista, um comediógrafo”. Posto isto, passa a explicar o caso anómalo de Fernando Pessoa:

Poeta [...] demasiado necessitado de se exprimir através de vozes diferenciadas e momentos diversos, – Fernando Pessoa teria sido um romancista ou um comediógrafo... se o dom técnico daquele ou dêste lhe houvera sido concedido. Sem êsse dom, Fernando Pessoa poderia ter criado uma poesia dramática, – tumultuosa da sua diversidade. Fernando Pessoa, porém, resolveu a questão da maneira original que se sabe: pela criação dos seus heterónimos. Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis,

o próprio Fernando Pessoa e não sei bem se ainda mais algum – são as criações do romancista ou dramaturgo virtual Fernando Pessoa.

Através destas palavras podemos compreender que, de certa forma, a solução heterodoxa encontrada por Pessoa não é a solução esperada por Régio: nem romancista ou comediógrafo, nem poeta dramático, Pessoa não inventou personagens mas heterónimos, autores fictícios que se situam fora dos limites usuais da obra literária.

Posteriormente, em 1944, a antologia de *As mais belas líricas portuguesas* organizada por Régio reafirmará as opiniões já anteriormente enunciadas: Mário de Sá-Carneiro é o mais genial dos dois. Quanto a Fernando Pessoa, os pseudónimos são agora finalmente heterónimos, mas as reservas sobre a autenticidade da sua inspiração, dominada pelo exercício do intelecto, mantêm-se.

No ensaio publicado dois anos mais tarde no jornal *O Primeiro de Janeiro – Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro* (1946) – o posicionamento de Régio é ainda mais nitidamente expresso. Num momento de grande popularidade de Fernando Pessoa, consequência da publicação da sua obra pela Ática, há uma necessidade de sublinhar as deficiências e os limites da sua expressão poética, indo propositalmente contra a corrente de “louvor sem medida nem visão crítica” (Régio, 1994a: 248). Tudo isto, ao mesmo tempo que se continua a ignorar uma parte importante da obra de Sá-Carneiro, a prosa. O antigo diretor da *presença* sente então necessidade de propor, uma vez mais, um confronto entre as obras dos dois mestres do modernismo. Veja-se, novamente, que como principal razão apontada para as reservas sentidas em relação a Pessoa é o “jogo” dos heterónimos, que criou em volta da obra pessoana “problemas supérfluos” (Régio, 1994a: 249). A sinceridade de Fernando Pessoa é complexa, torturada, problemática, o que torna a sua obra interessante, mas distante dessa sinceridade mais naturalmente afim à de Régio e presente em Mário de Sá-Carneiro; essa “sinceridade, irreprimível, irresponsável, direta, que bem raras vezes palpamos na [obra] do seu amigo e rival” (Régio, 1994a: 250). Repare-se no uso da palavra “rival”: Pessoa nunca viu em Sá-Carneiro um rival, mas Régio sente que a vasta audiência alcançada pelo poeta dos heterónimos diminui de certa forma o valor relativo do seu modernista preferido. A sua missão crítica, naquele momento, era defender Mário de Sá-Carneiro e enunciar de forma clara as razões do seu valor superior.

A necessidade de provar a verdadeira dimensão do génio do autor dos *Indícios de ouro* impele José Régio para a elaboração de um outro ensaio, *A questão de Mário de Sá-Carneiro* (1953). Para o crítico, a redescoberta do movimento do *Orpheu* tendia a exaltar os valores superficiais da sua proposta revolucionária, esquecendo as raízes profundas da sua novidade. Sá-Carneiro era lembrado pela escandalosa contundência de alguns seus versos mais famosos. Mas essa é precisamente, para Régio, a parte inferior da poesia sá-carneiriana: o que foi feito

para pasmar, para polemizar, o que foi atitude vanguardista mais lúdica, mais voluntária e menos necessária. Mesmo na parte mais indiscutível da produção de Mário de Sá-Carneiro, Régio encontra um limite: a sua excecionalidade, o que Régio chama de particularismo, o facto de a personalidade do Artista que a produziu ser tão singular – e o drama que viveu tão subjetivo – que lhe tira “possibilidade de repercussão universal” (Régio 1957: 233). Ao apontar-lhe um limite, Régio não faz outra coisa que não enaltecer o estatuto de artista excecional granjeado por Mário de Sá-Carneiro, que é ainda significativamente definido como um artista romântico-moderno.

Dois anos mais tarde, no artigo *Breve meditação sincera sobre Fernando Pessoa*, Régio volta a falar das suas perplexidades acerca do autor de *Mensagem* e, em 1968, estas serão concretizadas através da leitura crítica do poema *O menino de sua mãe*, poema sentimental escrito à maneira de Augusto Gil e, portanto, na sua opinião, absolutamente artificial. Afastando-se da tese expressa por Pessoa em *Autopsicografia*, Régio afirma que a emoção, a que o poeta dá expressão, deveria ser realmente sentida – e não fingida – antes de pensada. É interessante notar como, no rascunho deste ensaio – também presente no espólio regiano em Vila do Conde – aparece acrescentado, na margem inferior, entre parênteses: “(mas que remédio senão aceitar a fabricação de F.P., se ela faz parte da sua originalidade?)”. Este pequeno aparte – que não aparece no texto publicado – condensa a principal dificuldade que o crítico vila-condense sentia de se abandonar completamente à admiração pela poesia pessoana.

Para concluir esta breve resenha das posições defendidas por José Régio em relação aos dois grandes modernistas, falta citar o indispensável ensaio *O fantástico na obra de Mário de Sá-Carneiro* (1964). Falando do livro *Princípio* e dos defeitos dessa obra, que mostra um Sá-Carneiro ainda principiante, Régio refere-se ao “pasma provinciano e embevecido pelas grandes cidades estrangeiras, em especial Paris” (Régio 1964: 204). Ou seja, Régio aponta exatamente o que o próprio Pessoa censurara em Sá-Carneiro no artigo *O provincianismo português*, de 1928, artigo esse que em 1963 lhe motivara uma reação bem ressentida, expressa na nota *Fernando Pessoa e o nosso provincianismo*, publicada no *Comércio do Porto*. Régio sublinha uma unidade de fundo, nos vários géneros literários (poesia, prosa, teatro) em que a obra de Mário de Sá-Carneiro se manifesta, e certa monotonia do seu génio. E, por sua vez, estas são características que os críticos reconhecem também na obra do próprio José Régio.

O ensaio introduz o tema central da propensão sá-carneiriana para a invenção do fantástico, que poderá também ser uma resposta à frustração de *ser quase*. Falando do estilo inovador de Mário de Sá-Carneiro, Régio admite que, por vezes, se possa suspeitar de um “consciente ou subconsciente intuito de escandalizar e surpreender”, intuito esse, acrescenta entre parênteses, “que Fernando Pessoa chegou a teorizar” (Régio, 1964: 213). A Sá-Carneiro, Régio tudo perdoa porque se declara vencido pela sua extraordinária escrita, que impõe

a sua singularidade de artista. O reverso da medalha é o perigo de a obra de Mário de Sá-Carneiro poder ficar demasiado datada, porque ligada às tendências simbolistas e decadentistas do esteticismo finissecular, que Sá-Carneiro, contudo, interpreta com “brilho e persistência”, “originalidade e sinceridade”, porque é “intrínseco à sua personalidade psico-estética” (Régio, 1964: 215-216). De tal maneira a arte de Sá-Carneiro é entendida como sincera e direta, que – para Régio – tudo aquilo que o autor põe na boca das personagens das suas novelas (tal como o que está nos seus poemas ou nas suas cartas) advém da sua experiência pessoal, “é ele quem fala, e de si” (Régio, 1964: 222-223). Régio é, portanto, um dos principais representantes da linha interpretativa que lê em Sá-Carneiro uma síntese mítica entre a obra e a vida.

Contudo, parece-me pertinente reiterar a hipótese lançada por Eugénio Lisboa (1990) e recebida por Ana Nascimento Piedade (2005); ou seja, não estaria José Régio, na análise crítica dos dois protagonistas de *Orpheu*, “a falar de si próprio e da sua arte”, a exercer “uma incessante e audaz auto-crítica” (Piedade, 2005: 66)? Não estaria – como afirma Eugénio Lisboa – “um homem tão ou mais subtilmente inteligente e articulado do que o próprio Pessoa” (Lisboa, 1990: 221) a denunciar-se, ao louvar a “superior ingenuidade” de Sá-Carneiro?

Voltemos então à tese de Fernando Cabral Martins, segundo a qual José Régio, construindo uma leitura crítica baseada no psicologismo e interpretando a obra como reflexo direto da experiência existencial do autor, acaba por compor uma imagem de Sá-Carneiro que “tem sobretudo a ver com Régio e a sua escrita. Sá-Carneiro torna-se uma personagem de Régio” e a sua “história romântica e trágica [...] é adoptada por Régio como seu mito fundador” (Martins, 1994: 30). Ele, que censurava em Fernando Pessoa a construção – racional, artificial e mistificadora – dos “autores” das suas obras, acabou por tratar o autor real Mário de Sá-Carneiro como um mito, como um elemento quase tão ficcional como o “Sr. Engenheiro Álvaro de Campos”. Talvez a construção regiana não fosse assim tão racional e voluntária, talvez fosse o resultado de mais uma cilada do seu admirado, mas não amado, Fernando Pessoa.

Referências bibliográficas

- BERARDINELLI, C. (2004). Régio e Sá-Carneiro: leitura crítica e recriação dramática. *Estudos Regianos*. 12/13: 297-301.
- CASTRO, S. (2000). A presença de José Régio e o modernismo português. *Boletim*. 6/7: 57-61.
- FERREIRA, A. M. (2011). Quando Jesus não é Cristo: a poesia agónica de José Régio. *Teografias*. 1:13-42.
- LISBOA, E. (1990). José Régio e Mário de Sá-Carneiro: as afinidades electivas?. *Colóquio/Letras*. 117/118:215-233;
- LISBOA, E. (2016). Sá-Carneiro visto por Régio: O oiro e a neve. *JL. Jornal de Letras, Artes e Ideias*. 1189.
- LOPES, T. R. (2000). Pessoa e Régio: Uma apaixonada relação difícil. *Boletim*. 6/7: 19-23.
- MARCHIS, Giorgio de (2011). Mário de Sá-Carneiro: Modernism Achieved by Means of Wrong Beauty. S. Dix, J. Pizarro, (eds.). *Portuguese Modernisms. Multiple Perspectives on Literature and the Visual Arts*, London: Legenda.
- MARTINHO, F. J. B. (1989-1990). Mário de Sá-Carneiro e José Régio. *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*, 4/5:21-24;
- MARTINS, F. Cabral (1994). *O modernismo em Mário de Sá-Carneiro* Lisboa: Estampa.
- PESSOA, F. (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*, edição e estudo de Enrico Martines, Lisboa: INCM.

- PIEIDADE, A. N. (2005). Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa lidos por José Régio. *Estudos Regianos*. 14/15: 61-70.
- RÉGIO, J. (1925). *As correntes e as individualidades da moderna poesia portuguesa*. s.l. [Vila do Conde]: edição do autor.
- RÉGIO, J. (1927a). Literatura viva. *Presença*. 1:1-2.
- RÉGIO, J. (1927b). Da geração modernista. *Presença*. 3:1-2.
- RÉGIO, J. (1928). Literatura livresca e literatura viva. *Presença*. 9: 1-8.
- RÉGIO, J. (1929). Ainda uma interpretação do modernismo. *Presença*. 23:1-2.
- RÉGIO, J. (1944). *As mais belas líricas portuguesas*. Lisboa: Portugália.
- RÉGIO, J. (1957). A questão de Mário de Sá-Carneiro. *Estrada larga*. I:230-234.
- RÉGIO, J. (1964). O fantástico na obra de Mário de Sá-Carneiro. *Ensaios de interpretação crítica*. Lisboa: Portugália. 197-244.
- RÉGIO, J. (1976). *Pequena história da moderna poesia portuguesa*. Porto: Brasília Editora (1ª edição: 1941).
- RÉGIO, J. (1994a). Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. *Crítica e ensaio/2*. Lisboa: Círculo dos Leitores. 247-250.
- RÉGIO, J. (1994b). Breve meditação sincera sobre Fernando Pessoa. *Crítica e ensaio/2*. Lisboa: Círculo dos Leitores. 251-254.
- RÉGIO, J. (1994c). Fernando Pessoa e o nosso provincianismo. *Crítica e ensaio/2*. Lisboa: Círculo dos Leitores. 255-258.
- RÉGIO, J. (1994d). João de Deus e Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. *Crítica e ensaio/2*. Lisboa: Círculo dos Leitores. 259-262.
- RÉGIO, J. (1994e). Uma leitura de “O menino da sua mãe”. *Crítica e ensaio/2*. Lisboa: Círculo dos Leitores. 262-268.
- SIMÕES, J. G. (1974). *Retratos de poetas que conheci*. Porto: Brasília Editora.
- SIMÕES, J. G. (1977). *José Régio e a história do movimento da “Presença”*. Porto: Brasília Editora.
- SIMÕES, J. G. (1978a). Fernando Pessoa na Perspectiva da “presença”. *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SIMÕES, J. G. (1978b). De como José Régio se afastou de Fernando Pessoa. *O Primeiro de Janeiro*.